O GLOBO
Publicado em 28/01/2023 - 05:57

## Intervenção expõe falhas da PM e inação de Torres

# GOLPISMO ORQUESTRADO

## Relatório da intervenção aponta falhas em série da PM e omissão de Torres

EDUARDO GONÇALVES E PATRIK CAMPOREZ
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA

Três semanas após os ataques às sedes do três Poderes em Brasília, o interventor na segurança pública do Distrito Federal, Ricardo Cappelli, apresentou uma autópsia do que agora se revela uma tragédia anunciada. Num relatório de 62 páginas, ele comprova que o então secretário de Segurança da capital, Anderson Torres, ignorou um relatório de inteligência que alertava para o risco de invasão ao Congresso, detalha o rosário de falhas da Polícia Militar e mostra que a ação contou com planejamento profissional que culminou com a invasão e depredação dos principais endereços da República.

As conclusões estão no documento entregue ontem ao ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, relator das investigações de atos golpistas. Foi o magistrado quem determinou o afastamento de Ibaneis Rocha do cargo de governador pelo período de 90 dias, logo após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva decretar a intervenção por um mês.

— Há uma sucessão de problemas: o planejamento operacional inexistente, que coloca um número de homens insuficiente, a postura inaceitável diante de uma grave ameaça à República e uma movimentação operacional inadequada — resumiu Cappelli.

### "TOMADA DO PODER"

O material expõe a omissão de Torres, que foi ministro da Justiça de Jair Bolsonaro, diante do ataque iminente. Dois dias antes dos atos, a Secretaria de Segurança do DF, então sob o comando de Torres, recebeu um relatório de inteligência apontando risco de invasão ao Poder Legislativo em 8 de janeiro. "As divulgações apresentam-se de forma alarmante, dada a afirmação de que a 'tomada de poder' ocorreria, principalmente, com a invasão do Congresso", segundo o documento. O texto indica ainda que entre os golpistas havia "Colecionadores, Atiradores e Caçadores (CACs)" que faziam postagens ameaçando "sitiar" Brasília.

De acordo com a apuração, o então secretário não tomou as providências necessárias para impedir as investidas violentas — ele viajou para os Estados Unidos dois dias antes das invasões. Torres foi preso ao desembarcar no Brasil, por ordem de Moraes, sob acusação de conivência com os atos.

— Ele (Torres) gerou instabilidade com exonerações e trocas (no comando da secretaria). Logo depois, viajou, recebeu um relatório de inteligência, e esse relatório não gerou nenhum desdobramento. Não é só uma questão burocrática — disse o interventor, mencionando desligamentos que o ex-secretário promoveu ao assumir a pasta.

Os manifestantes levaram uma hora e 40 minutos entre a saída do acampamento em que a maioria deles estava, em frente ao Quartel-General do Exército, até a primeira barreira das forças de segurança. Segundo Cappelli, houve tempo suficiente para que mais tropas da PM fossem acionadas, o que não ocorreu.

O interventor aponta outros elementos que comprovam as graves falhas de segurança. Ele citou que não houve convocação prévia de policiais para reforçar o efetivo. Alguns PMs estavam apenas de sobreaviso, em suas casas, e não de prontidão, nos batalhões. Além disso, nove comandantes estavam de férias ou licença no dia 8 de janeiro, entre eles o do Batalhão de Choque.

O relatório detalha a falta de efetivo. Imagens das câmeras de segurança revelam que havia cerca de 150 policiais militares fazendo uma linha de contenção na frente do Congresso. A tropa contava com alunos do curso de formação de praças, ainda inexperientes, e sem equipamentos adequados para atuar naquela situação, como o exoesqueleto, uma espécie de armadura. Na zona central de Brasília, havia 550 PMs, número considerado insuficiente.

### "PERDEU O COMANDO"

Cappelli, no entanto, relativizou a responsabilidade individual do então comandante da PM, coronel Fábio Augusto, que também foi preso por ordem de Moraes por suspeita de omissão. O interventor afirma que a apuração mostra que ele atuou para defender os prédios públicos e chegou a ser ferido na cabeça por um cone arremessado por um manifestante. Nas palavras de Cappelli, Fábio Augusto "perdeu a capacidade de comando" sobre a tropa e não teve os apelos por mais efetivo atendidos.

Outros aspectos mereceram atenção destacada do responsável pela intervenção: a pujança do acampamento bolsonarista, descrito por ele como "centro de construção de planos contra a democracia", e o planejamento dos vândalos. Cappelli falou que o ataque só ocorreu devido a uma "ação profissional e programada" do grupo, que arquitetou o atentado numa "minicidade golpista", termo que usou para se referir ao acampamento.

Havia extremistas com óculos de proteção, máscaras e rádios comunicadores, de acordo com o interventor.

— É impressionante como eles puxam a primeira linha de gradis. E ela cai de uma ponta a outra. Há um movimento coordenado — disse, para exemplificar o nível de organização.

Em meio aos esforços para encontrar responsáveis e participantes, o comandante do Exército, general Tomás Paiva, reafirmou ontem que membros da Força envolvidos nos atos golpistas serão punidos. Em reunião com Lula, o oficial já havia reforçado a mensagem — a resistência em levar adiante as sanções foi um dos motivos da troca no comando.

— Qualquer militar ou civil, ninguém está acima da lei. Isso (punição) a gente faz com tranquilidade — disse, após um encontro com o vice-presidente Geraldo Alckmin.

SERGIO LIMA/AFP/08-01-2023

**Detalhes.** Extremistas durante ataque à Praça dos Três Poderes: relatório entregue ao STF destrinchou falta de ação que abriu caminho para tentativa de golpe

> "Qualquer militar ou civil, ninguém está acima da lei. Isso (punição) a gente faz com tranquilidade
>
> **Tomás Paiva,** comandante do Exército

> "Ele (Torres) gerou instabilidade com exonerações e trocas. Depois, viajou (aos EUA) e recebeu um relatório de inteligência, que não teve desdobramento"
>
> **Ricardo Cappelli,** interventor federal, sobre o papel do ex-secretário Anderson Torres

**Apuração.** Documento coordenado por Ricardo Cappelli expôs erros e inação

SERGIO DUTTI

### RISCOS IDENTIFICADOS E PROVIDÊNCIAS NÃO TOMADAS

As principais conclusões do relatório

**Alerta da inteligência ignorado**
O documento aponta que o setor de inteligência da Secretaria de Segurança Pública do DF relatou potenciais riscos de invasão de prédios públicos, mas não motivou um "desdobramento adequado" das forças de segurança

**Quebra de comando**
Relatos de policiais e vídeos mostram que o então comandante da Polícia Militar, Fábio Augusto Vieira, chegou a pedir por mais batalhões e efetivo à Praça dos Três Poderes no momento em que ocorriam as invasões. Suas solicitações, porém, não foram atendidas.

**Falha de planejamento**
Apesar dos riscos, o relatório afirma que foram desrespeitados protocolos, como deixar policiais de prontidão nos batalhões (e não de sobreaviso, em casa, como estavam) e que batalhões especializados (Bope e BPcães) não foram acionados para acompanhar o ato golpista.

**Falta de efetivo suficiente**
Imagens revelam que havia cerca de 150 policiais militares fazendo uma linha de contenção na frente do Congresso. Na zona central de Brasília, havia 550 homens, número considerado insuficiente pelo interventor Ricardo Capelli para acompanhar o ato.

**Ausência de comandantes**
Nove comandantes da PM do DF estavam de férias ou licença no 8 de janeiro, além do então secretário de Segurança Pública do DF, Anderson Torres, em viagem de férias aos Estados Unidos.

**'Centralidade' do acampamento no QG do Exército**
Além de apontar que o quartel-general militar funcionou como um centro golpista, o relatório reúne 73 boletins de ocorrência denunciando furtos e roubos no local, o que, segundo o interventor, demandaria ali uma ação mais incisiva das forças de segurança.

### INQUÉRITOS NA CORREGEDORIA DA PM

O relatório lista o que será apurado em seis inquéritos policiais militares (IPM) que foram abertos

1. A conduta do Batalhão de Choque da PM, que não impediu a entrada de manifestantes no Congresso Nacional
2. Os policiais que estavam conversando e tirando fotos enquanto ocorriam as invasões nos prédios dos três Poderes
3. A responsabilidade na linha de comando da Polícia Militar do DF, que falhou na mobilização de batalhões e efetivo, apesar dos alertas da inteligência
4. A denúncia de arrecadação de recursos por policiais militares para o acampamento e de que trabalhavam na segurança privada do local
5. A investigação da conduta de um policial militar que chutou uma manifestante dentro do Palácio do Planalto
6. Os motivos que levaram a tropa da PM a recuar e desmobilizar a linha de contenção que dava acesso à sede do STF

Editoria de Arte

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Copyright © Clipclap 2025.